

331640

PLATÃO E LACAN: A BUSCA DO BELO E A TRANSFERÊNCIA

Donaldo Schüller*

SÍNTESE - Este artigo aborda as reflexões de Lacan, quando este analisa o diálogo *Banquete* de Platão, tendo como horizonte as questões dos sofistas e a cultura grega.

PALAVRAS-CHAVE - Platão. Lacan. Banquete.

ABSTRACT - This article approaches Lacan's reflections, in his analysis of Plato's dialogue *Symposium*, against the background of questions posed by the Sophists and Greek culture.

KEY WORDS - Plato. Lacan. *Symposium*.

Antes de acompanharmos as reflexões de Lacan sobre *O Banquete*, retomemos o diálogo de Platão. Convém acompanhar a construção, compreender a engrenagem, avaliar a importância das peças que o compõem. Começemos por Erixímaco. O banquete é presidido por ele. Quem apresenta o tema é ele, é ele que determina a seqüência dos discursos. A Lacan interessa o que o médico queria evitar, o arrote, a falha no discurso. Lacan, o analista, abre buracos, mina o fundamento, desconstrói para reconstruir em outras bases. A construção de Platão nos convoca antes da reconstrução de Lacan.

Para os sofistas, discurso é corpo. Não barre, entretanto, o corpo acesso ao que fica além do corpo verbal. Esta é a tese de Platão. O tecido verbal da tragédia distancia. O falar cotidiano da comédia aproxima. Na teatralização, Platão mistura tragédia, comédia e a conversa filosófica praticada na praça. Nasce o herói das idéias. Sócrates chama-se o aventureiro que afronta barreiras. Pobre e cômico, expressa-se em linguagem comum. As idéias não concorrem citadas. Desenvolvem-se à vista do leitor. Sócrates, personagem silencioso até à conclusão, é um ausente presente como Aquiles.

A sala do banquete fecha-se à maneira duma caverna. Os convivas distribuem-se como sombras. Caverna foi o útero terrestre na *Teogonia* hesiódica, em que se acomodavam no conforto das trevas seres temerosos de enfrentar os embates da vida. Por dez anos uma caverna abrigou Zaratustra à espera de iluminação. O inventor de *O Banquete* percebe a caverna. Sair seria ultrapassar o não-saber, fronteira infranqueável. O valor da filosofia está no exercício.

* Doutor. Professor da UFRGS (Universidade Federal do Rio Grande do Sul) e da PUCRS (Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul).

Atenas é o lugar da caverna. É aí que se reflete sobre a sorte da cidade. Há uma peste, mais grave do que a que dizimou o exército grego diante de Tróia, mais grave do que a que levou Péricles. Grave como a que ameaçou Tebas no governo de Édipo. Propósito de Platão: salvar Atenas como político, como filósofo, como poeta. Por que salvar Atenas? A cidade erguera-se como centro da intelectualidade helênica. No naufrágio de Atenas soçobraria a cultura. Esta foi a tragédia que a vida mostrava a Platão. Combate, assim, políticos, filósofos e poetas, responsáveis pela ruína. Causa do descalabro, da peste? Este é o objeto da investigação. Será a falta de justiça, assunto longamente discutido na *República*? Discutível é a eficácia das reformas propostas. Platão é prático. Enquanto a República é projeto, importa operar com o que existe: sofistas, políticos, poetas. Urgem medidas. Platão não tinha expulsado só os poetas, também Eros, criação de poetas.

O discurso no banquete de Hesíodo está subordinado às Musas. A verdade é doada. A fonte das leis é Zeus matrimoniado com Têmis, a justiça, fonte da palavra que ilumina também é Zeus, unido à Mnemosyne (Memória). Falantes são homens, poetas e reis, tocados pelas Musas. Os demais não fazem mais que aplaudir. Perdida a linguagem dos deuses (*Crátilo*), Platão entrega o discurso à responsabilidade de quem o profere. O filósofo vive na orfandade. Desamparado de Mnemosyne, Platão inventa *anâmnesis* – a busca, em lugar da doação. *Logos* prospera à distância do *mythos* Platão não foi o primeiro a erotizar o *logos*, precedido que foi por Górgias.

No *Banquete*, Platão define a vontade de procriar como desejo de imortalidade. Eros vincula-se à dialética e à história. O discurso dos sofistas é estático, morto. Não cria, nem produz, está fora da história. O discurso vivo é o que produz e se reproduz. Reproduz-se criando outros discursos. Surge o discursar sem fim. O enunciado fecundo gera outros enunciados. O caminho à episteme é dialético. A dialética de Platão é erótica, o prazer não está excluído de seus processos de investigação. Os que procriam para sobreviver adiam a morte. Platão desloca a criação da carne para o discurso. O discurso erotizado cria, não a filosofia austera, mas a filosofia apaixonada.

Bebida entorpece. Alinha-se ao discurso sofístico e à música ambiental executada pelas flautistas. A incapacidade física de prolongar o excesso propicia o trabalho do espírito. Erixímaco, o médico, declara a embriaguez um mal terrível. Não proscree o hábito, prescreve o uso moderado. Sábios convivem com Baco. Bani-lo seria hostilizar a vida. Com a tontura báquica pereceria a loucura poética. A compulsão é sucedida pelo prazer de beber e de falar.

Discursos geram discursos. A proposta de Erixímaco vem da sugestão de Fedro. O discurso nasce do desejo de falar. Eros o origina. Platão recusa o discurso que se contorce como puro jogo de palavras, trabalho de Sísifo, esforço que se dissolve em nada. O discurso não vem pronto, não salta memorizado, surge revestido da imprevisibilidade dos seres que nascem. Intervém a maiêutica. A verdade não se dá de todo, não se dá de vez. Ela se oferece e se retrai, sedutora e velada. A cada discurso, mudam-se os véus. Como saber o seu destino? O caráter coletivo é sublinhado pelo *syggrafein*, um escrito que resulta de muitas notas (*syn*).

Kosmesai ton theon – kosmeo – ordenar, preparar, fazer de pedaços um *kosmos*, um deus, Eros. Platão ergue a prosa ao patamar da poesia. Prosa, poesia, saber e Eros se confundem.

Na arte erótica, Sócrates, o que não sabe, se declara entendido. Mais que Aristóфанes e Agaton, consagrados a Afrodite e Dioniso? Como? Observem-se os discursos. O que foi proposto como elogio a Eros desenvolve-se como investigação. A decisão de discursar fragmenta o saber. O saber sobre Eros excede saberes. Ninguém sabe e todos sabem porque Eros se alarga no dizer de cada um. A seqüência dos discursos progride num pacto de humildade. A latência acompanha os grandes assuntos. O discurso erra. Assuntos sem importância são tratados e assuntos relevantes ficam no esquecimento. A latência pode durar séculos. A descoberta é lenta. Discursos perseguem assuntos.

Em lugar da exposição oral, Platão escolhe a escrita. Há escrita para decorar e escrita para inventar. O discurso oral, no momento de acontecer, cria a ilusão do único, pleno, eterno: o discurso das Musas e o discurso dos sofistas. Na escrita, o discurso se circunscribe, se objetiva, se limita, se fragmenta. A seqüência dos discursos secciona o discurso em pontos de vista.

Em Platão o discurso toma consciência de sua franqueza. Os sofistas o tinham como força. Quem é o enunciador da página escrita, na qual textos de muitas origens se embaralham à vista do leitor? Na ausência do autor e das circunstâncias em que o texto foi produzido, a comunicação se complica. Platão recusa o enunciador autoritário, singular. Instaura enunciadores. Muitos. Surge o diálogo. Este origina, alimenta, desconstrói discursos e idéias, as platônicas e as demais. Em Safo, Eros é *mythóplokos*. Tecelão de mitos, ele preside a arte de escrever. Leva a escrever diante de amores perdidos. A perda leva a escrever. Platão, na reinvenção da poesia, faz de Eros um *mythóplokos*, um construtor do diálogo. O objeto perdido já não é um corpo amado como ainda em Safo, mas a própria idéia do belo. O problema já não é individual. Não sendo individual, todos os que estão distantes do belo podem reunir-se para procurar. Diante da perda, Eros se faz literatura, se faz filosofia. No séquito de Afrodite (Hesíodo), *eros* se encarna em discurso e gesto. Inflama corpos, sorrisos, palavras, enganos. A palavra erótica seduz, protela. Apara o choque dos corpos. Rasga veredas. Nesta tradição, está *O Banquete* de Platão.

Eros? Quem sabe eros e justiça juntos, além de outras virtudes discutidas em outros diálogos? É bem possível que todos os diálogos tenham o mesmo fim. O mistério é tão grande como a pergunta: quem matou Laio? O que é eros? A discussão já começa em *Crátilo*. Não se indague por altares dedicados a Eros, ele vive no canto. Pintura e escultura o acolheram depois. Inseguro de sua origem, Platão procura indícios dele em palavras antigas. Viria Eros na força do fluxo que nos invade, corrente vital a que não podemos resistir, haveria indícios de Eros em *esros* (afluxo)? Nesse caso, os olhos são canais sensíveis ao belo, e Eros seria a resposta. Ou teriam já os antigos concebido Eros como uma divindade alada e invisível a pousar onde bem lhe parece, sem aguardar convite? Veja-se a semelhança sonora entre *eros* e *pterón* – alado. Alado, Eros é concebido como produtor

de asas, *ptero-phýtor*. Tocados por Eros, pairamos. As asas de Eros não cansam, não esbarram. Legado de gerações antigas, palavras passam de boca em boca, de geração a geração. Palavras são arcas. Guardam mistérios. Por que reduzi-las a moedas no comércio de mercadorias? O conceito de Eros é reformulado nas relações humanas. É uma construção coletiva, não necessariamente convergente.

Fédon: por causa do belo as coisas belas são belas. *O Banquete*: por causa de Eros as coisas eróticas são eróticas. Homero conhecia coisas eróticas, mas não conhecia Eros. Eros foi inventado por Hesíodo. Hesíodo já podia dizer: por causa de Eros, as coisas eróticas são eróticas. Por causa da Ira nos iramos. Por causa da Morte morremos. Eros é a idéia que movimentava os discursos em *O Banquete*. O belo não basta. Algo deve levar-nos ao Belo – Eros.

Embora não seja fácil distinguir Eros de Amor, não traduzimos Eros com Amor. Amor nos leva a um conceito que se esboçou no período helenístico e adquiriu características peculiares no lirismo cortês do séc. XI e XII, difundido, desde então, no Ocidente. O Amor concentrou-se em sentimentos privados, subjetivos, explorou a relação com o objetivo inalcançável. Eros é maior que o Amor. Todas as relações são eróticas, o amor é uma província do erotismo universal. *O Banquete* nos dá oportunidade para refletir sobre Eros. Mantemos os termos derivados de Eros. *Erasta* (ou *eronta*) é aquele que, tocado por Eros, age. *Erômeno* é o objeto de Eros. A gestação de Eros foi lenta. Em Homero, ele ainda não tem corpo, ainda não é deus. O notável contador de histórias conhece o nome *eros* e o verbo *eramai* como força de atração desencadeada por alimentos, pela guerra, por pessoas. Textos mais recentes vinculam *eros* e *eramai* ao poder, à beleza, à terra nativa, à morte. O uso abundante de *eros* como força de atração pode ter levado Hesíodo a deificar Eros. É de seu hábito recorrer a nomes próprios para designar coisas que nossos hábitos lingüísticos degradaram à banalidade cotidiana. Hesíodo diz com muito respeito Sono, Sonho, Dia, Noite, Morte. Não estranha que, em atmosfera divina, Eros se divinize. O autor da *Teogonia* instala Eros no respeitável colégio das potências primordiais: Terra, Tártaro, Caos, Eros. O poeta, autor de textos preparados para cantores (*aedoi*), começa a distanciar-nos da poesia oral. O texto destinado a cantores requer sua voz para soar. A cada recitação, o texto renasce. Não espanta que, saído das brumas, Eros compareça aparentado com o Caos. Na ordem do discurso Eros e Caos se fazem corpo, fecundos como a Terra, fortes como Tártaro, em cujo seio vive a Morte. Isso não se faz sem o sacrifício da autonomia primitiva, suposta, indizível.

Platão tem motivos para construir sobre Hesíodo as análises feitas em *O Banquete*, diálogo em que as muitas faces de Eros são cuidadosamente examinadas. Ao prolongar a excursão pelos textos, Eros é submetido a corajosas modificações. Por obrigação de brevidade daremos destaque, nesta exposição, a Fedro e Sócrates.

Fedro privilegia o olhar. Desde Heráclito sublinha-se a relevância do olhar. Não se ignore, entretanto, o risco. Freud foge do olhar como da cara hedionda de Medusa. O olhar imobiliza, hipnotiza, petrifica. O olhar anula a liberdade de ação. Sartre acrescenta que o olhar oprime. Não é assim – para Fedro – o olhar que vai

do erômeno (o objeto erótico) ao erasta (o sujeito erótico) e vice-versa. O olhar do erômeno cai sobre o erasta, e este passa a ser para esse olhar. Adivinha-lhe os desejos. Se não corresponde à demanda, eclode a dor. A infelicidade é causada pela falência ante o olhar erotizado. A vergonha de não ser quem deveria ser encaminha o erasta à virtude. Na erótica inscreve-se o dever-ser. Criativo apresenta-se o olhar erotizado, suscita ardor guerreiro, desperta virtude. Eros acende a imaginação. Na erotização do olhar que se detém em corpos, Platão cria um Fedro não-platônico.

Fedro classifica as relações eróticas em três categorias. Todas elas situam o homem diante da morte. Quem morre por outro? Só os tocados por Eros. Erótica é a morte.

Fedro reexamina o heroísmo de Alceste, transformado por Eurípides em tragédia. Admeto, esposo de Alceste, celebra pacto com a Morte. Esta lhe daria mais alguns anos de vida, caso Admeto apresentasse alguém disposto a morrer em seu lugar. Pai e mãe não se revelam dispostos ao sacrifício. O que os pais recusam a esposa lhe dá. A Morte leva Alceste em lugar de Admeto. Eros desponta como dádiva que não demanda recompensa. Que paga poderia aguardar Alceste ao escolher a morte? Os deuses dos mortos, impressionados pela grandeza da dádiva, devolvem à vida a esposa dedicada. Livre de submissão a modelos, Fedro exclui Hércules, introduzido por Eurípides para solucionar o conflito. Eros, que movimenta a ação do princípio ao fim, lhe basta.

Aparece Orfeu, o mestre da cítara, o ludibriador, o poeta. Avança com a intenção de resgatar Eurídice da morte sem custos. Em lugar de se entregar à morte pelo objeto amado como Alceste, serve-se de um artil. Encanta com ritmos e sons. Os atilados senhores do mundo dos mortos, ludibriando o ludibriador, oferecem-lhe o fantasma da mulher amada. O espectro se desfaz ao cair sob o olhar desconfiado do inigualável citarista. Por não querer de verdade, as mulheres o atacam ao retornar da aventura singular antes que pudesse imobilizá-las com os encantos da música. Como não se prevenira para esta agressão inusitada, morre esfaumado. As mulheres trácias mataram Orfeu para indicar-lhe a única opção legítima para estar junto de Eurídice. Ao contrário de Orfeu, Antígona elegeu a morte para estar com o amado. Na reinterpretação de Fedro, Orfeu não se rende a Eros. Eros pune o impostor recalitrante. Se Orfeu amasse Eurídice de verdade, teria agido como Alceste. Teria trocado sua própria vida pela vida da amada. Fedro condena a poesia que engana, que apresenta como real o que não é real. Fedro quer poesia plena, quer que a poesia se faça vida. O corpo da poesia deverá ser pleno como corpos de carne e osso. Em lugar da poesia subordinada às musas, Fedro institui a poesia erótica, um organismo verbal que tenha, como na teorização de Górgias, eros em si mesma. Fernando Pessoa: o poeta é um fingidor. Mas, em Fernando Pessoa, a poesia não está subordinada a fins. A poesia fingimento é corpo, é real.

Fedro, ao reexaminar o sacrifício de Aquiles por seu amigo Pátroclo, conclui que o herói não poderia ter tido o destino de mortais comuns como quer Homero. Fedro corrige Homero. A Ilha dos Felizes é o único fim adequado a alguém que

morre por um erasta já morto. O gesto de Aquiles espande pelo fato de enfrentar o adversário por alguém que, tendo tombado, já não pode recompensá-lo. O eros reformado de Fedro não é só desejo, é dádiva também. A ética é uma erótica. Em lugar da lei, o afeto.

Agaton, o último dos oradores, realiza a teoria erótica teorizada por Fedro. Acompanhemos a reação de Sócrates ao discurso de Agaton. A eloquência do tragedista o assombra como a morte. Consideremos dois dos sentidos: a audição e a visão. Sócrates os conecta. Ouve Agaton, e pensa estar sob o poder de Medusa, Gorgo. Sócrates sofre o impacto do pavor e da beleza conjugados. A vitória de Perseu sobre Medusa não diminui o risco. A Górgona, depois de morta, revive em toda parte: no escudo de Palas Atena, nas armas de Agamênon, no reino dos mortos. Incrustada de olhos arregalados na égide de Atena, a Górgona vigia também o caminho que leva ao saber.

Sócrates declarara no princípio que só sabia de Eros. Este saber termina em não-saber. Não vai nisso contradição. O saber não é posse. Não saber de Eros é estar em busca de Eros. Saber de Eros é viver Eros, perceber-lhe o poder.

Não se diga que Platão subordina de fato os diálogos a Sócrates. Sócrates, enquanto personagem, sofre as vicissitudes das criações literárias. De diálogo a diálogo, Sócrates muda. Sócrates não é um só, Sócrates é muitos. Enumeremos alguns: o Sócrates matemático, o Sócrates místico, o Sócrates irônico, o Sócrates cômico, o Sócrates lírico, o Sócrates político... Onde está o Sócrates histórico? Perdeu-se atrás das muitas máscaras inventadas. Morrer para saber. É verdade, Platão privilegia Sócrates em *O Banquete* e em outros diálogos, embora se trate de distinção equívoca. Sócrates, o ironista, não se poupa nem a si mesmo. Ele não se limita a demolir o discurso de Agaton. Demolindo-o, estabelece-o como negado. Como poderíamos ter noção do discurso bem-sucedido, se não possuíssemos o discurso falido de Agaton? Conclusão: todos os discursos de *O Banquete* permanecem de pé. Todos são limitados. Como atuar fora de limites, fora das sombras? Sem limites, como falar, como saber?

E a fala de Sócrates? Em *O Banquete* ela não existe. Sócrates disse que não preferiria discurso e não o fez. Em vez do discurso, a poesia reinventada, a sedutora fala de Diotima. Colocado estrategicamente no fim do diálogo, Sócrates silencia. Silencia por quê? Porque o que Sócrates gostaria de dizer não é dizível: a fala rigorosa (*episteme*). Sócrates, ao passar a palavra a Diotima, reconhece a própria ignorância. Ele é coerente, não sabe e mostra que não sabe.

A introdução de Diotima é recurso teatral. Em lugar do conceito, personagem viva, visível. Em Diotima, Sócrates reencontra a mãe. Mas a mãe não é ponto de chegada, abre caminho ao que se esconde além dela. As ponderações de Pausânias, que o saber seja masculino, são-lhe estranhas. Sócrates deprecia o masculino, degrada-o em si. Não faz, deixa fazer, acompanha, provoca, apóia. Contra a fixidez, deixa o discurso acontecer. A mulher, por não saber e saber que não sabe, não estará mais próxima do saber do que os homens que pensam que sabem? Sócrates contesta Éfeso: as emanções não vêm da terra, vêm do luminoso mundo das idéias. Abandonada a física dos jônicos, restaura a metafísica parmenídica.

Como sair da caverna? O segredo está com Diotima. Mas Diotima, reveladora e limitada como os demais, é lembrança mítica atraída ao jogo da interlocução. O golpe é definitivo. Em lugar do discurso autoritário de um, a fala plural de muitos. Diotima: não-belo não é feio, não-saber não é ignorância. Quem sai da perfeição não perece na dissolução cotidiana. Entre um e outro extremo, há um longo caminho a percorrer. Viver aquém das idéias não significa padecer o luto da perda sem rastro. Vivemos nas idéias, ainda que estejamos longe delas. Aos exilados da verdade, resta o opinar correto. Diotima faz de Eros um ser em que mortal e imortal se aproximam. Percebemos a perfeição nas palavras imperfeitas que a nomeiam. No *dáimon* os contrários agem unidos. Eros opera tanto no eromeno quanto no erasta. Hesíodo já tinha colocado *Ímeros*, o Desejo, ao lado de Eros. Eros faz-se agora Desejo, vontade de saber. Os desejosos de saber não labutam fora do saber. Como desejar o que não se conhece? Ignorar já é um modo de saber. Centelhas de saber fulguram até em broncos. Releia-se *Mênon*.

Poros e Penia encontram-se no natalício de Afrodite e geram Eros, participe dos atributos de ambos, ensina Diotima. Os dois Érotos de Pausânias são reduzidos a um Eros só. Eros evoca fraqueza. Sem a embriaguez de Poros, este dáimon não teria nascido. Imprevistas são as circunstâncias de seu nascimento. Imprevisto arde o dionisismo sempre. Se por deuses entendemos seres puros, Eros não está nessa categoria. Ele é um *dáimon*, um híbrido, um intermediário. *Dáimon* é o filósofo, *dáimon* é a linguagem. O homem daimoniaco deseja saber. A estas paragens arriba uma questão suscitada no Crátilo: um instrumento imperfeito como a linguagem presta-se à investigação filosófica? Sendo daimoniaca, por que não? Vive na linguagem o desejo de saber.

O que significa desejar o Belo? Não se busque satisfazer a carência de beleza de uma hora para outra. A eternidade talvez não baste como se lê na *Apologia*. Não nos aproximaremos do Belo com um passe de mágica. Aguarda os anelantes trabalho penoso, demorado. Não temam, entretanto, os que buscam, inúteis esforços de Sísifo. A ascensão é recompensada por contínua revelação. Quem discorre terá que atravessar discursos. O discurso de Agaton iludiu os ouvintes com a generosa dádiva do fim. Como estamos longe do fim!

Com Alcibiades intervém a embriaguez medicamente excluída. Na borracheira banida e invasora, esconde-se uma verdade que de outra forma não viria à tona. O raciocínio lógico tem limites. Alcibiades irrompe como pura força dionisiaca. Circula além do bem e do mal, antes e depois de Sócrates. Macula-se de sacrilégio, arruina Atenas, bandeia-se à Esparta. O narcisismo de Alcibiades enreda-o em seus próprios interesses.

Eros tem um fundamento obscuro que se confunde com a embriaguez. Os impulsos de Alcibiades podem ser orientados. Alcibiades pode equivocar-se como equivocados estavam os feridos pela dor aristofânica. Alcibiades representa a feminilidade reprimida, o erasta encantado pelo homem capaz de coisas excepcionais. A cada negativa a excepcionalidade de Sócrates se acentua. Platão recorre a Alcibídes para contestar a tendência expressa até aqui, permanecer no mundo físico. Alcibiades é o ponto de passagem da física à metafísica. Em jogo está um

modo de ser e de pensar. Sócrates é incorruptível. O que impede Sócrates de ceder aos apelos de Alcibiades? O Belo. O que distingue Sócrates de outros? Sócrates supõe o Belo fora e além dos corpos, de todos os corpos, também do seu. O brilho nos corpos, físico ou intelectual, não é mais que reflexo do Belo ausente. Sócrates sabe que Alcibiades se equivoca. Alcibiades não deseja Sócrates, mas o que julga escondido em Sócrates. Sócrates precisa convencê-lo de que o que ambos buscam está além de todos. Eros vem de um vazio e esbarra num vazio. O erasta busca no erômeno algo que ele não tem, mas a isso sem o erômeno ele não teria acesso. Eros provoca a alucinação (o sonho acordado) mas leva para além do imediato. O vazio é um lugar de passagem, o buraco que os sofistas queriam obter.

Lacan começa onde Platão termina, no Belo. Relendo Platão como psicanalista, esboça uma história do Belo: Platão o localizou no mundo das idéias, Aristóteles o baixou à esfera das estrelas fixas, o mundo contemporâneo o volatilizou no pó das galáxias. Demolido o Belo, Lacan inicia um novo Banquete, o da transferência. Sócrates não pretende saber nada além do amor. Sócrates não diz quase nada, e este quase é o essencial. Em torno dele gira a cena. No princípio foi o amor, como desejo e como dádiva. No caminho do erômeno ao erasta, Lacan dá com a falta. O outro, objeto de amor, não é mais que fantasma. A mão que se estende ao fruto, que demanda a flor, que se levanta a um deus, procura o Real, que impregna a realidade inteira sem confundir-se com ela. O que busca o analista? Busca o inconsciente e no inconsciente, o conhece-te a ti mesmo, um não saber fundamental. No fim da análise está a falta, a metáfora de uma falta. A realidade se desdobra entre estas duas faltas, situadas no princípio e no fim. A ação é acionada pela falta. Castração ou *Penisneid* são metáforas da falta. O falo é a falta, é o que me falta.

No trajeto do analista ao analisante e do analisante ao analista, a descoberta é a mesma, o Outro inconsciente, que é falta inconsciente porque da falta não há consciência. O amor não é coisa divina. Amar é dar o que não se tem. O erômeno nunca sabe o que tem. O amor se realiza no devir e não no que o amado supostamente tenha. Amor se faz transferência. Estamos entre fantasmas. Fantasma é o objeto com o qual desejamos satisfazer o amor. O objeto está para sempre perdido. Como o amor se perde no infinito, perdeu o caráter trágico.

Admitamos que o belo seja pó cósmico a nos envolver. Raciocinemos com Lacan: a mulher não existe, existe uma mulher, logo, o belo não existe, existe um belo, este que agora temos diante dos olhos. Não se procure o belo aqui ou ali, ele vive na relação. Se não há correspondência (*rapport*) sexual, como almejar correspondência estética? O que se busca excede inapelavelmente o que se tem. A volatilização do belo provoca luto, palpável na pulsão de morte. Volatilizado o belo excedente, resta-nos a caverna em nos movemos como sombras. Mas sem sol não haveria nem sombras. Por que não ver o infinito iluminar o instante que explode? Momentos de gozo pleno desfilam voláteis, volúveis, incomensuráveis. Por que persistir em vereda platônica com o olhar fixo no vazio em que o Belo foi para os ares? A discussão Lacan – Platão nos leva a redefinir o belo. Se não admitimos o

belo como um corpo no mundo das idéias, podemos derramá-lo pelo perceptível. Eros foi concebido num dia de festa. O que é o belo? É embriaguez, é festa. Festiva e bela eleva-se em momentos privilegiados a vida. O belo não é um *ktema* objeto que se possa comprar ou vender. Belo é antes o exercício de uma *práxis*, a construção de si mesmo. Vencido o esforço de recuperar experiências passadas, podemos, quem sabe, entender o *santhoma* (traduzimos assim *sinthome* lacaniano) como o que se enreda no inelutável projeto de si mesmo. Ao construir, o *santhoma* (santo+homo [homem]+sintoma+Tomás de Aquino) reconstrói até mesmo o que já viveu. O sintoma e o *santhoma* se unem e se opõem. O sintoma represa o que o *santhoma* liberta. Consiste nisso a epifania, a emergência do inesperado. O belo não é, ele se faz. Nasce da penúria e demanda o que não tem fronteiras, o Real. O belo é o inesperado, a esperança que irrompe até mesmo em lugares inesperados, numa conversa, no lixo. Belinda descobre a carta de que brota o *Finnegans Wake* num monturo. O belo não nasce do que a carta diz, mas do que ela não diz, nasce dos furos, da deterioração, da decomposição. Dédalo, o artista, o construtor do labirinto, inventa o inusitado, asas para não morrer nas ruelas entre a arquitetura das paredes que ele mesmo inventou. O *santhoma*, o homem criador, provoca assim a epifania do que é, do que foi e do que será.

A arte migrou nos últimos anos da captação do momento que passa à expressão de elaborações oníricas. A arte já não imita a vida, é a vida que, na concepção de alguns, imita a arte. A tendência já não é de produzir o eterno, mas de atuar na agonia do perecível. Sejam quais forem as opções, o belo baixou ao cotidiano. Belo é o nada que se dá, belo é o nada que o erômeno dá. Não o dá de si, mas se ele não fosse atravessado pelo luminoso pó das galáxias, como poderíamos ter acesso ao belo, como saberíamos que ele existe? Volatilizado o Belo, o que nos resta de *O Banquete*? Resta-nos Eros, o *daimon* que inflama partículas de pó galáctico, que alvoroça corações de homens de daimônicos, que nos eleva ao que não tem fim. Resta o corpo da mulher, prazeroso lugar de passagem, luminosa fonte de saber. Resta-nos o dom que não temos e que nos elegeu como lugar para se doar.

Referências

HARARI, Roberto. *Como se chama James Joyce, a partir do Seminário Le Sinthome de J. Lacan*. Trad. de Francisco Franke Settinri. Salvador: Ágalma, 2003.

LACAN, Jacques. *Le Séminaire, Livre VIII, Le transfert*. Paris: Seuil, 1991.

_____. *Seminário XXIII – El Sinthoma*. Trad. ao espanhol de Ricardo E. Rodríguez Ponte. Buenos Aires: E.F.B.A., circulação interna, s/d.

PLATÃO. *O Banquete*. Trad., introd. e notas de José Cavalcante de Souza. São Paulo: Difel, 1966.

PLATON. *Oeuvres complètes*. Paris: Les Belles Lettres, 1950.

SCHÜLER, Donald. *Eros: Dialética e retórica*. São Paulo: EDUSP, 1992.